

# LITERATURA E SEXUALIDADE: UMA LEITURA POSSÍVEL DO EROTISMO NA LITERATURA BRASILEIRA

---

Albeiro Mejia Trujillo\*

**RESUMO:** A sexualidade que ao longo da história ocidental tem sido mostrada ora como pecado ora como doença, do ponto de vista literário alcança outras conotações já que o texto artístico não tem pretensões dogmáticas, moralizadoras, nem se define como detentor de verdades confirmadas cientificamente. Com ilustrações que vão de Petrônio e Apuleio até Adolfo Caminha e Guimarães Rosa, apresentam-se dados sobre a sexualidade humana que o campo literário nos ajuda a desmistificar. Para além dos romances heterossexuais convencionais, neste trabalho mostra-se que a literatura possui um potencial de expressão da realidade humana que muitas vezes é camuflado, ou simplesmente não é tornado visível.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Sexualidade; Erotismo.

**ABSTRACT:** The sexuality, which throughout occidental history, has been shown either as sin or as illness, from the literary point of view, reaches other connotations considering that the artistic text does not have dogmatics or moralistic pretensions, nor it is defined as scientifically confirmed truths. With illustrations that go from Petronius and Apuleius until Adolfo Caminha and Guimarães Rosa, it is presented some data about human being sexuality that literary field will help us demystify. Beyond the heterosexual conventional romances, this paper reveals that literature has a potential of expression of the reality human being that many times is camouflaged, or simply it does not become visible.

**KEYWORDS:** Literature; Sexuality; Erotism.

## INTRODUÇÃO

Todos os tempos vividos pela humanidade, até hoje, têm manifestado formas particulares de valorizar e validar ou então de esconder e negar as diversas práticas da sexualidade. Biblicamente esta é julgada a causa do “pecado original”, princípio de todos os males e da desgraça humana. Do ponto de vista da mitologia a sexualidade constitui um simples brinquedo para os deuses que utilizam os seres humanos como instrumento de diversão. Na filosofia grega clássica a sexualidade é determinada por ser expressão de duas realidades: a primeira corresponde ao mundo dos militares que se devem abster de assumir qualquer compromisso que

---

\* Albeiro M. Trujillo é formado em Filosofia e em Letras com Mestrado em Teoria Literária, Doutorado em Literatura pela UnB e Pós-Doutorado pela PUC/SP. Coordenador do ISE/Filosofia da Faculdade IESCO em Taguatinga-DF. Endereço eletrônico: [malbeiro@yahoo.com.br](mailto:malbeiro@yahoo.com.br).

interfira na tarefa de servir o Estado e o soberano chegando, no caso da teoria platônica, a propor a implantação de uma comunidade de eunucos para integrar o exército.

A segunda realidade expressa pelo mundo filosófico grego aponta para a idéia de que o sexo entre diferentes (heterossexual) não seria manifestação de perfeição, sendo que aqueles que não encontrassem sua metade perfeita (igual) viveriam um estado de conformismo e sua finalidade seria meramente reprodutiva. Os intelectuais e a aristocracia buscariam o amor perfeito no igual o que seria provavelmente uma forma de apologia da homossexualidade. Com o advento do cristianismo abole-se o prazer da esfera da sexualidade deixando esta como mero instrumento de perpetuação da espécie. Os tempos modernos vêm-se tornando mais flexíveis e tolerantes com as diversas práticas da sexualidade colocando esta como expressão de libertação e catarse de todas as formas de repressão da interioridade sendo que numa sociedade que hiper-valoriza a sensualidade e a sexualidade chega-se perto de um "pode tudo" na vivência erótica.

A literatura como parte constitutiva da fenomenologia histórica não tem pretensões de fixar juízos de validade ou não do agir humano, mas explora as diversas manifestações do espírito humano, espírito que se aventura, que experimenta, que transgride, se deleita e se angustia; tudo em nome da busca da felicidade e da consolidação de sua identidade, nem que para isso tenha de recorrer a práticas que nos podem parecer bizarras. A literatura em suas inúmeras possibilidades abre-nos horizontes que desnudam o interior do homem, mesmo naqueles aspectos em que o ser humano se esforça por esconder ou reluta para aceitar os estados de sua natureza

As idéias que o leitor encontrará neste artigo não são autobiográficas, mas constituem uma manifestação de realidades intrincadas que tornam o ser humano um mistério para si mesmo. O que se esconde e o que se revela, o que desejamos e o que reprimimos, a racionalidade e a animalidade condensadas em poucas páginas podem nos dar uma noção sutil desse universo que por vezes desconhecemos, ou não queremos reconhecer em nós mesmos, mas que sendo um tabu social quando se torna objeto literário emerge com a maior naturalidade possível e abre as portas de todas as esferas da humanidade, mesmo quando encontramos meios em que as interdições prevalecem.

## CAMINHOS DA SEXUALIDADE

Os mecanismos de validação de uma obra de arte literária não podem ser omissos a temáticas que estão impregnadas do cotidiano da população como são as relacionadas com a sexualidade, em suas diversas manifestações,

embora esta se encontre no campo das interdições e no domínio do indizível. Não há propriamente um gênero literário chamado de “erótico”, embora haja nos meios acadêmicos atuais, tentativas difusas de criar tal gênero. A falta de definições e de estudos amplamente difundidos sobre “romance erótico” e; como não é objeto deste estudo dar essas definições, não se detalha o que venha a caracterizar uma obra literária para ser inclusa nessa categoria. Somente nos servimos da presença marcante de dados eróticos em algumas obras literárias para mostrar como, um fenômeno intrinsecamente humano, que tem sido desprezado e abordado periféricamente ao longo dos séculos, possui todo um potencial ético e epistemológico a nos transmitir mediante os saberes estéticos.

Na mitologia grega a sexualidade apresenta-se como fato explicitador das desigualdades sociais em que os deuses se divertem com os humanos, mas estes são mantidos à margem do mundo das deidades; os semideuses por possuírem características divinas e humanas detêm estatus diferenciador que lhes permite viver em meio aos dois mundos (divino e humano); os seres humanos, por sua vez, não passam de brinquedos a serviço dos deuses e que estes utilizam para saciar suas luxúrias. Não parece ser mera coincidência a semelhança entre essa estrutura hierárquica, com a divisão de classes traçada por Platão, somente que aplicada à vida social. Numa tentativa de desmitologizar as relações humanas, o fundador da “Academia” busca o modelo de amor perfeito, encontrando na relação entre iguais o ideal do amor. No entanto, o tipo de relação entre iguais não tem um caráter fisiológico, já que segundo a concepção grega, no período socrático, quando se tem penetração e ejaculação existe uma relação de dominação, fato que impede que haja amor e, menos ainda, que uma relação seja perfeita. Provavelmente Platão não estivesse fazendo uma apologia da homossexualidade como têm apontado algumas leituras de sua obra, mas talvez quisesse separar o mundo dos deuses do mundo humano e, este, do mundo dos animais. “Iguais”, teria a conotação de amor entre humanos e não necessariamente entre sujeitos de um mesmo gênero.

Em Sófocles chega-se a outro nível de problemática da sexualidade que Freud leva para um patamar hermenêutico de constituição da vida sexual humana. Em Sófocles se poderia falar de uma construção dos padrões de moralidade da sexualidade humana, estabelecendo distância entre o mundo animal de amoralidade e a racionalidade nos diversos níveis de encontro entre os seres humanos que constituem as relações sociais dentro de pressupostos prefixados sendo que, a quebra das leis instituídas, determinaria uma ruptura com a própria sociedade. Somente que Freud, a partir da leitura de Sófocles instaura toda uma teoria da sexualidade humana que, de certa forma, ofusca outras possibilidades de leitura da obra de Sófocles. Em Freud encontramos “explicações” ou justificativas para o mundo da sexualidade, seja qual for sua manifestação: heterossexual ou

homossexual, além de caracterizar outras práticas relacionadas com a sexualidade que a convenção social considera ora imorais ora patológicas.

Teoricamente encontram-se explicações e justificativas para todas as manifestações da sexualidade, existindo uma hermenêutica clínica que tenta provar a relação entre as práticas sexuais e sua gênese patológica. A tentativa de entender os “desvios” de conduta sexual como doença e, não como pecado e perversão, representa uma mudança de mentalidade significativa para a sociedade. No entanto, as explicações apontadas para as diversas manifestações da sexualidade humana não satisfazem o universo de possibilidades que a mesma apresenta: tira-se o rótulo de pecado para emplacar o rótulo de doença. Entre cometer uma transgressão moral e ser doente, talvez o sujeito opte pela primeira alternativa, mas não tendo escolha, mergulhará, ainda mais, em crise de identidade:

Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens? Tudo isto fazia-lhe confusão no espírito, baralhando idéias, repugnando os sentidos, revivendo escrúpulos. – É certo que ele não seria o primeiro a dar exemplo, caso o pequeno se resolvesse a consentir... Mas – instinto ou falta de hábito – alguma coisa dentro de si revoltava-se contra semelhante imoralidade que outros de categoria superior praticavam quase todas as noites ali mesmo sobre o convés... (Caminha: s.d., pp. 42/3).

Vejamos algumas tentativas de explicação de fatos relacionados com o campo da sexualidade humana.

**MASTURBAÇÃO:** auto-erotismo. Orgasmo provocado pela fricção da mão ou objeto adequado. Clinicamente é considerada normal durante a fase da adolescência quando o jovem se encontra num estado de descoberta do corpo e da experimentação do prazer que este proporciona. Está intimamente ligada à fantasia e imaginação. Superado este período do desenvolvimento, a masturbação passará a ter uma conotação de distúrbio do comportamento sexual e será associada a problemas de interação com o parceiro sexual que levaria à necessidade de completar o ato inconcluso utilizando recursos alternativos. A repressão não superada e os estados de inibição, assim como os complexos de inferioridade, caracterizam, igualmente, elementos desencadeadores da prática masturbatória.

Ora, aconteceu que, na véspera desse dia, Herculano foi surpreendido, por outro marinheiro, a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano. Tinham-no encontrado sozinho, junto à amurada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados. (...) No convés brilhava a nódoa de

um escarro ainda fresco: Herculano acabava de cometer um verdadeiro crime não previsto nos códigos, um crime de lesa-natureza, derramando inutilmente, no convés seco e estéril, a seiva geradora do homem (Caminha: s.d., p. 17).

**FETICHISMO:** amar não a pessoa, mas uma parte dela ou objeto de seu uso. Constitui a criação de ícones substitutivos que tornem acessível o contato com elementos que foram bloqueados psiquicamente por restrições voluntárias ou involuntárias. Representa a não superação da perda de um objeto de paixão ou, então, a conformação com a impossibilidade de alcançar o objeto de desejo mediante a substituição do mesmo por um ícone que o represente.

Seu consolo nesse abandono de galé, nessa espécie de viuvez de alma, era o retrato de Aleixo (...). Representava o grumete em uniforme azul, perfilado, teso, com um sorriso pulha descerrando-lhe os lábios, a mão direita pousada frouxamente no espaldar de uma larga cadeira de braços, todo meigo, todo *petit-jesus*... Bom-Crioulo guardava essa miniatura religiosamente, com cautelas de namorado, e à noite, quando se ia deitar, despedia-se dela com um beijo úmido e voluptuoso. Habituar-se àquilo do mesmo modo que se habituara a fazer o sinal-da-cruz antes de fechar os olhos (Caminha: s.d., pp. 138/9).

Superado parcialmente o nível de valorização negativa da sexualidade em suas diversas manifestações e, depois da tentativa de explicar e justificar os “desvios de conduta sexual” como patologias de ordem psíquica, e em alguns casos também biológica; é possível encontrar outra realidade apresentada pelo mundo literário que mostra um viés que não o clínico nem o da moralidade impositiva da religião (pecado), que é o mundo da livre opção sexual. Ao falarmos do campo erótico, simplesmente buscamos mostrar que, entre alguns elementos do universo literário, o da sexualidade tem muito a nos dizer do ponto de vista epistêmico e ético na compreensão do complexo universo em que se alicerça a obra de arte literária. A descrição feita de Aleixo, em *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, mostra o despertar da sexualidade de um adolescente cuja única referência no campo sentimental é o afeto que lhe oferece outro marinheiro, Amaro, mas que, descobrindo a opção heterossexual a escolhe como o padrão de relacionamento que quer seguir. Nesse caso, a vivência homossexual que Aleixo tivera não se caracteriza como doença ou distúrbio de ordem psico-biológica, nem como pecado devido à falta de uma referência moral que proibisse tal prática, mas como uma descoberta temporária que será superada diante da possibilidade de escolha:

O grumete voltou o rosto depressa, todo cheio de respeito, como se

aquilo fosse uma profanação: mas, depois, ao lembrar-se do caso, tinha sempre uns arrepios voluptuosos, não podia evitar certa quebreira, certo desfalecimento, acompanhado de ereção nervosa... Nunca mais lhe saíra da lembrança aquela cena de alcova: uma mulher deitada com as pernas à mostra, muito gorda e penugentas – num desalinho irresistível, braços nus, cabelo solto. – Devia de ser esplêndido a gente dormir nos braços de uma mulher! (...) – Se fosse possível não me encontrar mais, nunca mais, com aquele negro, ah! que felicidade! pensava o grumete, aproximando-se de um grupo de marinheiros, perto do cais (Caminha: s.d., pp. 95/6 e 101).

As características da homossexualidade de Aleixo encontram notável semelhança com a situação já narrada em *Satiricon*, de Petrónio, no século I d.C. Esta obra se apresenta como um romance homossexual a três em que Encolpio, Gitão e Ascilto vivem um relacionamento tipicamente pederasta, sendo que o adolescente é “moldado” na prática da homossexualidade por dois adultos ciumentos e possessivos que impedem qualquer tipo de contato do “garoto” com mulheres. A obra que, numa perspectiva religiosa, seria execrável por tratar de assuntos imorais, não possui tal conotação se lida fora dos parâmetros de quaisquer religiões, porque relata fatos de um mundo laico em que o judaísmo não exerce influência sobre o agir da população descrita; o cristianismo ainda não havia consolidado sua moral dogmática e; a religião muçulmana não havia surgido. Sendo assim, qualquer julgamento moral da obra de Petrónio torna-se pernicioso e infundado. Entendendo a Ética como a busca da felicidade e se esta se alcança na realização do prazer, pode-se afirmar que em *Satiricon* se encontra a expressão de uma forma possível de ética, embora o Ethos defendido tenha suas origens na deturpação da ética epicurista<sup>1</sup>.

Do ponto de vista da Teoria da Literatura clássica, tanto *Satiricon* quanto *Bom Crioulo* seriam obras menores por retratarem, segundo as categorias aristotélicas, fatos baixos e ignóbeis. No entanto, a subversão do conceito de Estética em que esta não é mais vista como “ciência do belo”, mas como “verdade ontológica de uma realidade que não pode ser dita de outra forma”, permite-nos contradizer a classificação canônica – embora *Satiricon* faça parte do cânone da literatura universal e; *Bom Crioulo* conte com uma discreta aceitação no cânone literário brasileiro – que tiraria mérito das obras de Petrónio e Caminha, respectivamente. O reconhecimento estético está atrelado aos dados credibilizadores das obras que ganham mérito pelo valor epistemológico, isto é, pelo conhecimento

---

<sup>1</sup> Epicuro de Samos foi um pensador grego que viveu entre 341 e 271 a. C. Aos 35 anos de idade fundou a escola filosófica cuja designação deriva do nome de seu criador. A escola epicurista caracteriza-se pelo ceticismo epistemológico e por sua ética denominada de “ética do prazer”. Segundo os pensadores dessa escola o prazer é a fonte de toda felicidade, sendo essa afirmação uma das grandes influências que determinaram a forma de agir romana caracterizada, posteriormente, à luz da dogmática cristã, como “imoral”.

da realidade espaço – temporal e da natureza humana que ela nos transmite.

Adolfo Caminha consegue o reconhecimento da sua obra *Bom crioulo* entre estudiosos de Sociologia da Cultura, que tomam o romance como relato de um fato social positivo em que o autor teria por finalidade desmistificar certas instituições sociais como é o caso das Forças Armadas e, em particular, da Marinha brasileira que, por tradição, não aceita a homossexualidade; e uma sociedade que não aceita relacionamentos inter-raciais. Os dados fatuais são constatações da realidade social e, de modo mais amplo, da condição humana, que servem como fatores de credibilização, mas que estão longe de ser o “em si” da obra de arte literária e de esgotar o seu conteúdo. Não há beleza estética na simples transgressão da ordem natural da sexualidade e dos imperativos sociais que criam as interdições nas relações inter-raciais com o conseqüente assassinato motivado por um ataque de ciúmes seguido da prisão da personagem. A seqüência de fatos descritos na obra de Caminha não ultrapassaria o status de um dramalhão simplório se a leitura da obra ficasse restrita a uma simples constatação sociológica.

A mudança da perspectiva de análise permite restituir o valor perdido – ou ainda não explorado – da obra de Caminha, já que não estão em questão julgamentos de natureza moral, patológica, e nem uma simples crítica de ordem grupal estabelecida por intermédio das instituições sociais. Da mesma forma que fatos isolados não têm valor científico, a não ser que a repetição constante dos mesmos permita deduzir leis gerais, assim, também, na literatura, não é a descrição de um fato particular o que determina a grandeza de uma obra; mas a possibilidade de desvendar e generalizar aquilo que há de especificamente humano no agir das personagens; a obra de arte literária adquire valor estético quando o “saber” e a “percepção” das personagens se universaliza tornando possível que cada leitor se veja de alguma forma nas personagens e situações descritas na obra.

De Aluizio Azevedo, passando por Jorge Amado, até chegar a Milan Kundera – somente a título de exemplo –, é possível verificar a exploração explícita do erotismo, mesmo que nenhuma das obras dos autores antes mencionados tenha recebido o rótulo de Romance Erótico. A sexualidade não só entra como recurso literário, mas acima de tudo como mecanismo estético que facilita a apresentação de um conhecer profundo do espírito humano. Provavelmente se déssemos a conotação de Romance Erótico a *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, estaríamos provocando uma polêmica inusitada. No entanto, a relação Riobaldo / Diadorim está marcada por uma constante tensão entre o desejar, a vontade inexplicável de estar ao lado de alguém cuja condição o levava a reprimir seus sentimentos e; no caso de Diadorim, a negação de uma vontade como exigência da escolha de outra vontade impõe a infelicidade por não haver

vivido a sua identidade, mas um constante mascaramento. A sedução do toque das mãos, do olhar e a ternura da expressão constituem um erotismo de sutileza inusitada que torna grande a obra, não pelos simples atos sofridos e corajosos dos jagunços, mas pela forma como o autor desvenda o espírito humano.

Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação pra aos vícios descontraídos. Repilo o que, o sem preceito. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durante todo tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. (...) Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? (...) E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu espairecia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos. Conforme, por exemplo, quando eu me lembrava daquelas mãos, do jeito como se encostavam em meu rosto, quando ele cortou meu cabelo (Rosa: 2001, p. 162/3).

Poderia surgir a contra-argumentação afirmando que a atração entre as duas personagens de Guimarães Rosa é biológica e instintiva, mas a própria negação da vontade derrubaria essa hipótese, haja vista que a razão machista do jagunço impõe os limites morais, mesma razão que deturpa a ordem natural como não acontece com o reino dos “irracionais”. Os casos de zoofilia ou bestialidade testemunham que o animal recebe estímulos condicionantes, mas que é o homem quem determina o agir do animal como mostram Apuleio, em *O asno de ouro*; Michel Foucault em seus estudos sobre a origem das doenças venéreas ou; ainda, José Lins do Rego, em sua obra *Menino de engenho* ao descrever as práticas da bestialidade comuns no interior do Nordeste.

Deixando de lado extravagâncias ou simples liberação dionisíaca da libido, podemos encontrar na literatura brasileira um caso muito particular de exploração da sensualidade nas referências diretas à mulata na sociedade brasileira. O retrato e a descrição com que Bernardo Guimarães apresenta a mulher e, em especial, a mulata, em sua obra *A Escrava Isaura*, pode ser avaliado do ponto de vista do ideal externo e da posição psicossocial da mulher no século XIX. Segundo o ideal externo, a mulher negra (ou mulata) é assediada, enquanto sua figura é descrita com carregado número de adjetivos como: corpos esculturais, anjos, divindades, louças perfeitas,

delicadas pétalas de rosa, pérolas etc. Todavia, o quadro psicológico da mulata na sociedade brasileira é muito diferente do ideal externo já que, em *A Escrava Isaura*, apresenta-se uma mulher submissa, amedrontada, dependente, indiferente à política, sem participação na vida pública e; acima de tudo, sem identidade própria (ou em constante conflito de identidade), consciente do olhar que o homem descarrega sobre ela, mas passiva.

Bernardo Guimarães não é o único autor a explorar a sensualidade da mulata na sociedade brasileira, pois Manuel Antônio de Almeida, em *Memórias de um sargento de milícias*, tem em Vidinha uma mulata que se insinua, é extrovertida e conquista o olhar dos homens. Somente que a capacidade de chamar a atenção sobre si, não ultrapassa o nível do olhar luxurioso, como acontece com Isaura, Rosa e Juliana na obra de Bernardo Guimarães. Outro caso de mulata sensual que ocupa um lugar de destaque pela expressividade sexual, é o de Rita Baiana, em *O Cortiço*, de Aluizio de Azevedo. Não é diferente a posição em que é colocada Maria olho de prata, em *João Abade*, de João Fenício dos Santos; Jini, em *Corpo de Baile*, de Guimarães Rosa; ou Gabriela, a mais famosa das mulatas brasileiras, em *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado que chega a passar a imagem da mulata como uma verdadeira máquina de fazer sexo.

A sensualidade feminina não é a única manifestação do erotismo na literatura brasileira, pois em *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha descreve a percepção da beleza masculina ao mostrar ora a figura de Amaro, o Bom-Crioulo, ora a imagem do adolescente Aleixo:

A bordo todos o estimavam como na fortaleza, e a primeira vez que o viram, nu, uma bela manhã (...) foi um clamor! Não havia osso naquele corpo de gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas formavam um conjunto respeitável de músculos, dando uma idéia de força física sobre-humana, dominando a maruja, que sorria boquiaberta diante do negro. (...) Bom-Crioulo ficou extático! A brancura láctea e maciça daquela carne tenra punha-lhe frêmitos no corpo, abalando-o nervosamente de um modo estranho, excitando-o (...) Nunca vira formas de homem tão bem torneadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... Faltavam-lhe seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher!... Que beleza de pescoço, que delícia de ombros, que desespero! (Caminha: s.d., pp. 32 e 80).

A atração pelas formas físicas leva à consumação do desejo sexual tanto na expressão homossexual – Aleixo e Amaro – quanto na manifestação heterossexual – Aleixo e D. Carolina – sendo que o jogo erótico conduz uma trama permeada por ódios e paixões que beiram a insanidade. Todavia, o elemento sexual apresenta-se como um instrumento de validação de um conjunto complexo de possíveis intenções do autor da obra literária. Vejamos um exemplo dessas manifestações do erotismo e a sensualidade

na obra de Caminha:

Uma sensação de ventura infinita espalhava-se em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, num prurido de passividade... Ande logo! Murmurou apressadamente, voltando-se. E consumou-se o delito contra a natureza. (...) A figura do rapazinho, rechonchuda e nédia, esvoaçava-lhe na imaginação provocadoramente, seduzindo-o, arrastando-o para um mundo de gozos, para uma atmosfera de lubricidade, para o silêncio misterioso de uma existência devotada ao amor clandestino, ao regalo soberano da carne, a todos os delírios de uma paixão que chegava à loucura (Caminha: s.d., pp. 58 e 134).

O erotismo e a sensualidade, seja qual for sua manifestação, na literatura apresenta grande possibilidade de explorar, não somente fatos sociológicos, psicológicos ou culturais, mas nos leva aos mais recônditos esconderijos do espírito humano. Não é uma função meramente moralizadora, de descrição de fatos sociais, ou de lazer o que dá relevância às temáticas ligadas à sexualidade; mas, acima de tudo, o conhecimento da alma humana que esse tipo de narrativa nos traz. Igualmente deve considerar-se o alto grau de reflexão que se pode derivar do agir das personagens caracterizadas como eróticas dentro de uma narrativa, mesmo que a nossa sociedade ainda não tenha alcançado o nível de maturidade intelectual e psicológico necessário para abordar o fenômeno do erotismo literário; sem pré-conceitos e pré-julgamentos que se escondem por traz de uma moralidade coercitiva e geradora de interdições que impede de ver a realidade como ela é.

A sexualidade humana tem-se caracterizado como campo de interdições em certas esferas da sociedade. Utilizada como expressão de libertação da interioridade ou como sinal de dominação, o mundo do *Eros* ou princípio de vida na teoria freudiana supera o domínio da simples vontade de vida e conduz, em muitos aspectos, pela senda da morte. “Libertado” ou “reprimido” o ser humano se deslumbra e se surpreende com as manifestações que derivam da vontade humana de explorar os mais recônditos sentidos da sexualidade na forma como é valorizada ou reprovada pelo homem.

A cultura e as instituições servem de balizadores das formas como são conduzidos os processos de convivência social. A literatura constitui-se num campo de exposição daquilo que é indizível em outras linguagens e nos põe diante do fato incontestável de que aquilo que um homem faz, qualquer outro pode fazer se se encontrar nas mesmas condições. A literatura ao abordar a sexualidade como um de seus universos possíveis,

joga-nos na crua realidade da existência humana, não importando que vejamos esta como uma realidade podre, como fatos fisiológicos, ou como expressão da potencialidade que o livre arbítrio nos condena a experimentar ou a repelir.

As relações de gênero e a sexualidade foram mistificadas, conduzindo à formatação de um modelo social de falocentrismo dominante. Doutrinas religiosas ou filosóficas levaram a que houvesse a separação no convívio entre os sexos criando, com isso, a formação de grandes concentrações de grupos monossexuais onde, naturalmente, terminavam refugiando-se muitos daqueles que tinham tendências homossexuais ou; terminavam caindo nesse tipo de prática sexual porque não tinham maturidade e nem uma formação psicológica adequada que os ajudasse a lidar com os conflitos sexuais. De certa forma esse é um dos fatores que ao longo dos séculos tem tido as casas religiosas, militares e o meio diplomático, como lugares de camuflagem de pessoas que para fugir das interdições sociais seguem caminhos que, muitas vezes degeneram em patologias ou; então, contribuem com a formação de barreiras nas relações sociais por causa da pressão provocada pela insatisfação e a necessidade de ter de levar uma vida de máscaras, fato que caracteriza empecilho na formação da Identidade como bem se constata nas obras *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar das relações sexuais e suas implicações nas organizações sociais exige trilhar um caminho de desconstrução das idéias e das ideologias que permeiam as instituições sociais num duplo processo: o individual e o coletivo (vida dos grupos). Na desconstrução das práticas sociais, tendo como ponto de partida o sujeito particular nos vemos presos a duas hipóteses: do ponto de vista clínico, os “desvios” de comportamento na vivência da sexualidade obedecem a um quadro patológico que impediu a formação de uma personalidade padrão; a segunda hipótese descarrega a responsabilidade na formação cultural que leva à generalização de padrões comportamentais particulares, colocando-os como sendo “valores” ou circunstâncias de um grupo.

O fato de generalizar certos padrões de conduta erótica expressos na literatura não tira o caráter patológico de fatos sexuais praticados no cotidiano da sociedade como a zoofilia, ginofilia, sadismo, pornografia entre uma ampla gama de “desvios sexuais” estudados pela Psicologia e apresentados pela Literatura na sua expressão Estética. Embora muitas práticas sexuais tenham sido incutidas na “normalidade” cultural, pode-se afirmar que qualquer tipo de “desvio do padrão” nas relações sexuais não pode ser visto num indivíduo isolado, mas no conjunto das relações e

práticas grupais que propiciam o afloramento das condutas individuais. Na América Latina a cultura zoofílica, típica de regiões caribenhas e de áreas sertanejas; a ginofilia, fomentada como um valor na cultura machista; o masoquismo, expressão da herança de uma tradição de dominação secular, entre outras, representam alguns sinais da forma como se tem processado as relações de gênero: seja pela vivência sexual individual ou, então, pelas práticas de grupos que são evidenciadas em obras literárias como *Bom Crioulo*, *Gabriela Cravo e Canela*, *Menino de Engenho*, *Grande Sertão: Veredas* só para mencionar algumas.

Na América Latina encontramos, no século XIX, a expressão mais clara da consciência e luta pela igualdade de gênero na pessoa de Gertrudis Gómez de Avellaneda, que afirma sem recursos retóricos, que a mulher não deve permanecer prisioneira do homem depois do casamento; da mesma forma que defende a igualdade intelectual entre o homem e a mulher ao dizer que não é a circunstância corporal a que determina a capacidade e competência na produção intelectual. A condição das mulheres de tribos indígenas que eram respeitadas pela sua condição de geradoras da vida, fazia com que os membros dos grupos indígenas com essas características desempenhassem um papel social diferente dos homens, porém não de dominação e hierarquia. Grupos étnicos de descendência racial negra tinham as mulheres como elo fundamental entre os humanos e os deuses, dando um papel protagônico à mulher nas relações sócio-religiosas e educativas.

Basta um olhar superficial para descobrir que as relações de gênero no Brasil não são antagônicas no todo, mas que é preciso fazer uma análise fenomenológica em que se possam tratar os diversos segmentos sociais conforme a sua diversidade histórica e cultural. O padrão de colonização portuguesa, adotado no Brasil, serviu de inspiração para o desenvolvimento de obras literárias de fundo erótico produzidas conforme os estilos de época, que a periodização literária nos oferece. A erotização dos colonizados é referência fundamental para a produção literária no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Brasília: Edunb, 1963.

APULEIO, *O asno de ouro*, s.l: s.n, d.s.

BAKHTINE, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Edunb, 1987.

BAUDELAIRE. *Escritos sobre arte*. São Paulo: Imaginário, 1998.

BERGSON, Henri. *O riso*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. Rio de Janeiro: Olivé Editor, s.d.

- FREUD, Sigmund. *Os chistes e a sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 3 ed. São Paulo: FTD, 1996.
- KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- PETRÔNIO. *Satiricón*. 3 ed. Milano: Editrice Mursia, 1969.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.